

CULTURA MATERIAL NOS JORNAIS DE PELOTAS.

SANTANA, Anelize Moreira¹; FERREIRA, Lúcio Menezes²

¹Acadêmica do Curso de Bacharelado em Antropologia com ênfase em Arqueologia – UFPEL. Anelizemsantana@gmail.com

²Prof. Departamento de Antropologia e Arqueologia – ICH – UFPEL; bolsista de produtividade do CNPq

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho liga-se ao projeto O Pampa Negro: Arqueologia da Escravidão na Região Meridional do Rio Grande do Sul (1780 – 1888), coordenado pelo professor Dr. Lúcio Menezes Ferreira, no Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA/ICH/UFPEL). Esse projeto, de longo prazo, tem três objetivos gerais. O primeiro é compreender arqueologicamente o funcionamento dos sistemas escravistas locais. Em segundo lugar, entender os fenômenos relativos à diáspora africana: os processos de formação de identidades culturais de escravos africanos e afro-descendentes. Finalmente, analisar, a partir de artefatos, imagens e documentos escritos, as ações sociais dos escravos, suas cosmologias e seus atos de resistência ao sistema escravista.

Partimos do pressuposto de que o objetivo da arqueologia da escravidão não é, apenas, o estudo dos escravos. A premissa é estudar os sistemas escravistas da América, interpretando-se como eles estruturaram relações sociais, possibilitaram construções de paisagens e a farta circulação, no mundo moderno, de embarcações e objetos. No caso de Pelotas, pode-se argumentar que, como em outras regiões da América (PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, 2009; MILLER, 2012), o sistema escravista local assegurou a urbanização, a centralização política, o fortalecimento das elites e a construção de dispositivos do mundo moderno. Dentre esses dispositivos, tem-se a circulação de cultura material em ritmo e proporções globais. Esse trabalho, assim, tendo como fonte jornais do século XIX, mostra como a Pelotas oitocentista estava fortemente articulada ao mundo global. Isso pode ser avaliado por meio da cultura material, objetos e mercadorias que chegavam à cidade, bem como através dos itens de exportação que se destinavam aos portos do Atlântico.

2. METODOLOGIA

Pautamo-nos nos pressupostos teóricos e metodológicos da Arqueologia Histórica. Trata-se de combinar e cotejar fontes históricas, orais, imagéticas e arqueológicas para entender o passado a partir da perspectiva do presente (HALL E SILLMAN, 2006). Focamo-nos, assim, no uso de fontes escritas, especificamente os jornais, para obter informações arqueológicas. O objetivo é mostrar como a região de Pelotas, graças a sua condição de pólo da indústria charqueadora, inseria-se no mundo global por intermédio do comércio exportador e importador. Tratamos de entender, portanto, como o sistema escravista local possibilitou a urbanização, a centralização política e o fortalecimento das elites locais. Uma marca desse fortalecimento é a vasta circulação de objetos importados para o consumo local. Desse modo, analisamos os jornais para entender as tipologias dos artefatos e produtos que circulavam localmente por meio da importação. De outro lado, analisamos,

também, os itens de exportação da indústria charqueadora. O objetivo, assim, é compreender, a partir de uma perspectiva local, a rede de circulação de mercadorias e produtos em termos globais (ORSER, 2013).

Embasamo-nos, ainda, nas premissas da arqueologia documental (BEAUDRY, 1988, 2007). A pergunta norteadora dessa metodologia é como arqueólogos históricos devem ler documentos literários. Entendidos como representações do mundo, os documentos constroem noções de governamentalidade e estruturas de poder, situam as ações sociais dos sujeitos e descrevem a vida social dos artefatos (GALLOWAY, 2006; VOSS, 2005). Lê-los como arqueólogos históricos implica discutir como os artefatos que circulam na documentação, em nosso caso, os jornais, conformam sistemas sociais (GOSDEN, 2005). Assim, valendo-nos de jornais arquivados na Biblioteca Pública Pelotense, demonstraremos as ligações de Pelotas com mundo moderno. Atentaremos para as tipologias de artefatos e produtos que aqui aportavam, e para os itens de exportação da indústria charqueadora.

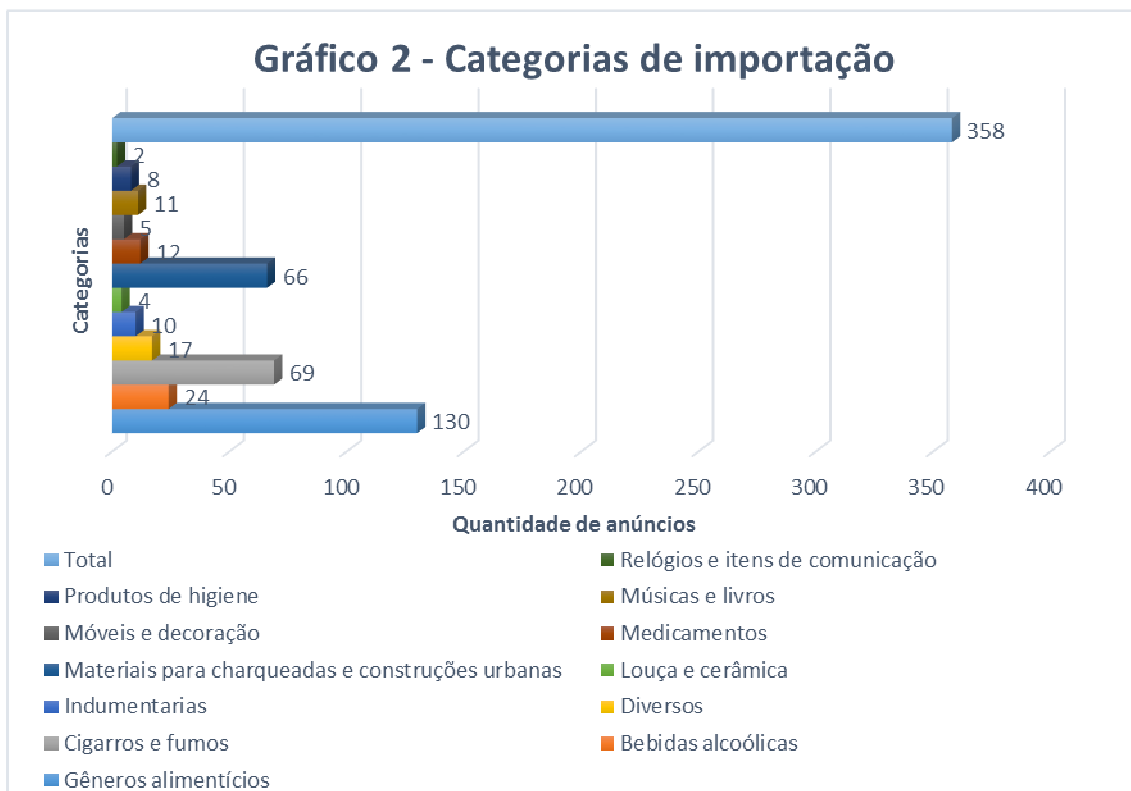
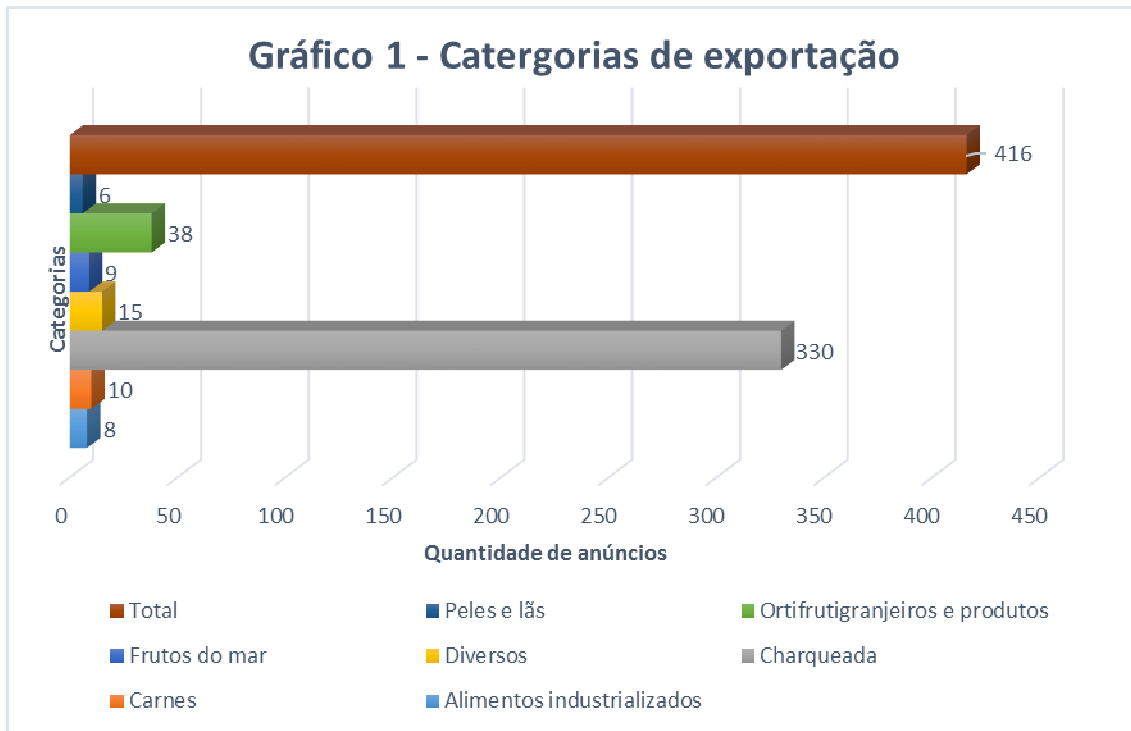
Nesse momento, a equipe de alunos do LÂMINA vem desenvolvendo pesquisas em exemplares dos seguintes jornais: *Onze de Julho*, *A Discussão*, *O Paiz e o Diário de Pelotas*. Nosso recorte temporal é o período entre 1876 a 1888. Levamos em consideração para tal escolha o fato de que, na década de 1870, o sistema mundial capitalista já estava consolidado, facilitando a ampla circulação de mercadorias em escala global (ORSER, 2013). E, tendo-se em vista que esse projeto liga-se a estudos arqueológicos sobre escravidão, estabelecemos a data limite 1888, o ano da abolição da escravidão no Brasil.

Nesse sentido, de forma específica, utilizaremos apenas exemplares do jornal *Diário de Pelotas* com o qual estamos desenvolvendo um banco de dados de informações de circulação de mercadorias. Optamos por trabalhar com a materialidade presente nos anúncios relativos a importação e exportação contida nos exemplares. Tais dados, futuramente, poderão auxiliar na interpretação do sistema escravista local nos termos já referendados acima: como a escravidão possibilitou o fortalecimento de elites, a urbanização, a centralização política e a articulação de Pelotas ao sistema mundial moderno.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa desenvolvida nos jornais tem possibilitado vários desdobramentos dentro do projeto O Pampa Negro. Assim como trabalhamos com as categorias de importação e exportação, há outros estudantes pesquisando outras temáticas, tais como: anúncios de escravos e escravas, circulação de barcos e passageiros, itens de exportação das charqueadas, dentre outros.

Para exemplificar alguns dos resultados desse trabalho, tomaremos como base uma amostragem referente a 41 exemplares do primeiro semestre do ano 1876. Mostraremos, assim a diversidade de categorias materiais que circulavam em Pelotas neste período. Os dados enfatizam como Pelotas estava plenamente articulada à rede do sistema mundial.



4. CONCLUSÃO

Este trabalho encontra-se ainda em fase de desenvolvimento. Contudo, podemos concluir preliminarmente que Pelotas estava mundialmente articulada ao sistema moderno, com uma vasta circulação de mercadorias, tanto no setor

de importação quando no de exportação. No que se refere a esse último, destacam-se, obviamente, os derivados do charque. Porém, notam-se, também, outros produtos, até aqui não mencionados pela historiografia local, tais como alimentos industrializados e horti-fruti-granjeiros. Esses dados corroboram, ainda, a interpretação segundo a qual a articulação de Pelotas ao sistema mundial moderno só foi possível, a exemplo de outras regiões da América, graças a exploração do trabalho escravo em larga escala. Dito de outro modo, graças ao funcionamento do sistema escravista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUDRY, Mary C. Words for Things: Linguistic Analysis of Probate Inventories. In: BEAUDRY, Mary C. (ed.). **Documentary Archaeology in the New World**. Cambridge: Cambridge U. P, 1988, pp. 43-51.

GALLOWAY, P. 2006. Material Culture and Text: Exploring the Spaces Within and Between. In: HALL, M; SILLIMAN, S. (eds.). **Historical Archaeology**. Oxford: Blackwell Publishing, pp. 42-64.

GOSDEN, C. 2005. What do Objects Want? **Journal of Archaeological Method and Theory**, (12): 3, 93-211.

Miller, Joseph C. 2012 **The Problem of Slavery as History**. Yale University Press, New Haven, Connecticut.

ORSER, Charles E. Jr. **Estratégias para uma Arqueologia da Auto-Liberação**. Conferência pronunciada na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), sob a organização do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica, em 15 de agosto/2013.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, O. 2009. **A História da Escravidão**. São Paulo: Boitempo.

VOSS, B. 2005. Sexual Subjects: Identity and Taxonomy in Archaeological Research. In: CASELLA, E. C; FOWLER, C. **The Archaeology of Plural and Changing Identities: beyond identifications**. New York: Kluwer Academic, pp. 55-78.